

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PESQUISADORES DE MATEMÁTICA NA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CIRCE MARY SILVA DA SILVA

Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Espírito Santo
circe@npd.ufes.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir para o conhecimento da história da formação de professores e pesquisadores de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia – FNFf. Descreve-se o processo de negociação para a escolha de professores estrangeiros para atuar no curso de Matemática, bem como a proposta curricular; identificam-se os primeiros alunos e discute-se a formação pedagógica do futuro professor. Mostram-se as dificuldades enfrentadas durante a Segunda Guerra Mundial, pelos matemáticos estrangeiros, bem como analisa-se a contribuição de alguns desses matemáticos para o desenvolvimento da pesquisa no país. Identificam-se os primeiros brasileiros, José Abdelhay e Leopoldo Nachbin, que tiveram um papel relevante no ensino e pesquisa matemática, nos anos iniciais do surgimento do cursos de bacharelado e licenciatura em Matemática na FNFf. O período analisado vai da criação da FNFf (1939) e estende-se até meados de 1950, quando começam os embates pela disputa de espaço acadêmico na área de Matemática.
FORMAÇÃO DE PROFESSORES – MATEMÁTICA – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

ABSTRACT

THE NATIONAL FACULTY OF PHILOSOPHY AND THE TRAINING OF MATHEMATICS TEACHERS AND RESEARCHERS. The purpose of this article is to contribute to the history of mathematics teachers and researchers training at the National Faculty of Philosophy – FNFf. The negotiation process to select foreign visiting professors to work in the Mathematics program is described, as well as the curriculum proposal. The difficulties faced by foreign mathematicians during the Second World War are shown, and their contribution expects to the development of research in Brazil is analyzed. The first Brazilians to play a leading role in mathematics teaching and research during the early years of the maths course at the FNFf, José Abdelhay and Leopoldo Nachbin, are acknowledged. The period analyzed, 1939 to 1950, includes the foundation of the FNFf and spans to the mid-1950s, when disputes for academic space in the field of Mathematics began.
TEACHER EDUCATION – MATHEMATICS – HISTORY OF EDUCATION

Pesquisa financiada pelo CNPq.



Em frente ao prédio do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, onde funcionava a FNFi de 1939 a 1942, grupo de professores da década de 1940. Da esquerda para a direita: Alcantara Gomes, Elisa Frota Pessoa, Jayme Tiommo, Joaquim Costa Ribeiro, Luigi Sobrero, Leopoldo Nachbin, José Leite Lopes e Mauricio Peixoto.

Foi com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCL/USP –, em 1934, e da Faculdade Nacional de Filosofia – FNFi – integrante da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1939, que foram estabelecidos cursos específicos visando à formação de professores secundários. Essas duas instituições exerceram uma liderança na orientação dos cursos que começaram a surgir nos demais estados do país, servindo como modelos. Todavia, desde o início da criação dos cursos de bacharelado e licenciatura, houve uma nítida separação entre conteúdo específico e formação pedagógica. Assim, os bacharéis que se graduavam na FNFi poderiam receber licença para lecionar no magistério secundário somente após terem concluído o Curso de Didática. O professor secundário aparecia como um subproduto altamente especializado daquela instituição que visava, em primeiro lugar, promover a pesquisa.

A finalidade da FNFi, conforme o artigo primeiro de seu estatuto era:

- a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada e técnica;
- b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal;
- c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura, que constituam objeto de seu ensino.

No início do século, com a ausência de faculdades destinadas à formação de matemáticos e sem um programa de fomento à pesquisa, os pesquisadores adquiriam a sua formação em escolas politécnicas e atuavam de forma isolada, levando à frente suas pesquisas motivados por interesses apaixonados de resolver problemas tanto em Matemática pura quanto na aplicada e áreas afins. Neste texto, o conceito de campo científico será usado no sentido empregado por Bourdieu, como o lugar em que ocorre uma luta concorrencial com vistas ao monopólio da autoridade científica (Bourdieu, 1983, p. 123). Para a formação do campo científico, concorrem as instituições encarregadas de assegurar a produção do conhecimento e também de garantir a circulação dos bens científicos. Assim, o próprio campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse, revelando que as práticas científicas não são desinteressadas. Entende-se que a formação do campo científico esteve estreitamente ligada à organização do sistema universitário do país e não se pode falar de um sem falar do outro. Assim, somente na medida em que começa a se estruturar o sistema universitário brasileiro é que efetivamente as estratégias de valorização do campo profissional do pesquisador, das formas de organizar-se em sociedades científicas começam a tomar forma, o que não aconteceu no século XIX.

Uma vez que a formação de pesquisadores em Matemática foi estimulada na FNFi, começaram a surgir embates de disputa pelo poder. No campo científico, que ainda estava na sua fase inicial de formação, é visível uma luta de interesses e de demarcação de espaços por parte daqueles que começaram a exercer liderança no meio acadêmico.

Encontramos em Michel Foucault um bom interlocutor para nos servir de apoio na análise do discurso dos textos, fontes para essa pesquisa, principalmente as cartas, pois concordamos com esse teórico quando afirma que no campo discursivo:

...trata-se de compreender o enunciado na estreiteza de singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (Foucault, 2000, p.31)

AS NEGOCIAÇÕES

A chegada de matemáticos estrangeiros para atuar no Rio de Janeiro foi resultado de longas negociações entre o Brasil e alguns países europeus. Em abril de 1939, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, em correspondência com o então reitor da Universidade do Brasil, mostrava grande preocupação com a indicação e definição dos futuros professores que comporiam o quadro universitário. Na lista do reitor constavam, entre outros, os nomes do matemático italiano Tullio Levi-Civita¹ (1873-1941), para a disciplina de Análise Matemática, e do brasileiro Ernesto de Oliveira Filho para Geometria. A vinda do primeiro não se efetivou, mas o segundo prestou concurso e tornou-se posteriormente catedrático de Geometria.

As negociações do ministro Gustavo Capanema com a embaixada francesa resultaram na contratação de vários professores para as áreas de Lingüística e de Ciências Humanas, mas isso não aconteceu com a área de Matemática. Os professores contratados para essa área foram todos italianos.

Os vínculos entre o governo e a Igreja católica eram ainda muitos fortes. A carta do ministro Gustavo Capanema para Georges Dumas, em 17 de junho, é reveladora: "A Faculdade vai ficar sob a direção do sr. Alceu Amoroso Lima, católico [...]. Daí não encontrar eu boa acolhida para nomes que sejam conhecidos por suas tendências opostas à igreja ou dela divergentes" (Capanema apud Fávero, 1989, p.33). Por outro lado, alguns nomes apareciam sem quaisquer restrições, como o do matemático francês Henri Cartan, para a disciplina de Análise Matemática, e o de Chazy para Mecânica Racional, os quais, segundo a carta de Capanema, seriam "aceitos sem reserva". É verdade, no entanto, que a vinda de Cartan não se efetivou.

Em junho de 1939, no período do Estado Novo, o então presidente Getúlio Vargas autorizou, finalmente, a contratação de quinze professores estrangeiros para

1 Levi-Civita tornou-se bastante conhecido por suas pesquisas em cálculo diferencial absoluto com aplicações à teoria da relatividade. Como Volterra e muitos outros matemáticos italianos da época, que se opunham fortemente ao fascismo, ele perdeu seu posto acadêmico na Itália, enfrentou sérios problemas cardíacos e morreu em 1941. Isso talvez explique por que a sua vinda para o Rio de Janeiro nunca se concretizou.

lecionarem na Faculdade Nacional de Filosofia. A chegada dos matemáticos italianos no Rio de Janeiro concretizou-se pelos canais oficiais, mais precisamente pelos contatos da embaixada brasileira diretamente com a embaixada italiana. A carta do embaixador italiano Ugo Sola para o ministro da Educação Gustavo Capanema confirma isso:

Vossa Excelência deu-me a honra de pedir em nome do Governo Brasileiro, ao Governo da Itália a designação para a Faculdade de Filosofia na Universidade Federal [...] de professores italianos destinados a reger as cadeiras de: a) língua e literatura italiana; análise matemática e superior; c) mecânica racional; d) física teórica e superior; e) físico-química e química superior; f) geometria superior; g) física experimental[...]. Os pedidos de docentes italianos feitos por Vossa Excelência e que honram altamente a ciência e a literatura italiana, foram imediatamente transmitidos ao Real Governo que, sem demora [...] teria providenciado as relativas designações. (Fávero, 1989, p.34)

Para Jayme Tiomno, ex-aluno da primeira turma do curso de física na FNFi, a presença dos italianos no Rio de Janeiro não teve as mesmas repercussões positivas que as que se verificaram na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. O fato de Theodoro Augusto Ramos² (1895-1936) ter-se incumbido pessoalmente da tarefa de selecionar os mestres na Europa garantiu-lhe uma escolha mais acertada: “Na FNFi, não sei se intencionalmente, ou não, o Ministério da Educação do Brasil pediu ao Ministério da Educação italiano que indicasse nomes de professores conforme uma lista de disciplinas enviada ao segundo” (Tiomno apud Fávero, 1992, p.257).

A citação de Fávero e as palavras de Tiomno evidenciam que essa liberdade de escolha propiciou ao governo italiano dar preferência: “... ativistas fascistas [...] lembro-me de Dalberto Faggiani (Física Geral e Experimental) fazendo propaganda fascista e péssimo professor de Física” (Tiomno apud Fávero, 1992, p.258).

Mussolini estava interessado em difundir o fascismo no exterior. Conforme a historiadora Loraine Giron constatou, o corpo diplomático estava imbuído da missão de “fascitização”. Em 1927, Mussolini criou 40 novos consulados e, para os postos e embaixadas, foram designados fascistas que eram leais ao regime: “Compreensivelmente nestes dois últimos anos foram nomeados 128 novos funcionários fascistas” (Giron, 1994, p.71).

2 Theodoro Augusto Ramos foi um dos matemáticos mais destacados nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. Ingressou, em 1919, na carreira acadêmica, na Escola Politécnica de São Paulo.

Por outro lado, havia, no Brasil, um movimento nacionalista simpatizante do fascismo italiano. Na opinião do cientista político Hélgio Trindade, de 1889 até a Primeira Guerra Mundial, não ocorreu no Brasil nenhuma mudança significativa no plano ideológico. A Europa continuava ditando à elite intelectual brasileira os modelos de pensamento. O panorama muda na década de 1920, quando se percebe uma certa alteração no terreno das idéias: "...sociologismo marcado pela influência positivista spenceriana ou o evolucionismo sucederá ao filosofismo do império" (Trindade, 1974, p.27).

Na década de 1930, o Brasil descobriu o fascismo com Plínio Salgado. Ele acreditava que o fascismo tinha chegado no momento certo e para ficar; não era uma ditadura como aquela da Rússia, mas sim um regime político. Na Itália, conheceu Mussolini e haviam conversado sobre as intenções de Salgado fundar no Brasil um partido carregado de nacionalismo agressivo. Assim, a expansão das idéias fascistas na Europa encontrara aqui uma certa receptividade. A ação integralista brasileira é uma concretização dessa tendência. Plínio Salgado via com fascinação a experiência fascista na Europa. Ele não estava sozinho: autores nacionais, como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral defendiam a reformulação do sistema político em termos antiliberais. No final de 1930, Fabrino fundou o Partido Nacional Fascista e, no Rio de Janeiro, outro grupo propunha criar o Partido Fascista Brasileiro, adotando como modelo o fascismo italiano. Dessa forma, Trindade conclui que a adesão ao fascismo e a aceitação de sua organização paramilitar são explicadas por condições internas muito favoráveis: "Tais condições surgem durante a evolução histórica entre as duas guerras mundiais pela conjugação dos conflitos econômicos, sociais e políticos com a crise ideológica das elites intelectuais" (1974, p.289).

Por que esses cientistas aceitaram vir para o Brasil, considerando que na época não existia nenhum centro de pesquisa em Matemática no país e o isolamento poderia ser um fator de risco no desenvolvimento de suas próprias pesquisas? Uma das razões pode ter sido o incentivo dado pelo governo italiano a esses pesquisadores.

A ESTRUTURA DO CURSO E A PROPOSTA DE ENSINO

No segundo semestre de 1939, Lélío Gama³ estava encarregado de lecionar a disciplina de Análise Superior para o curso de Matemática na Faculdade Nacional

3 Lélío Gama (1892-1981) estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e destacou-se nas pesquisas matemáticas e astronômicas nas primeiras décadas do século XX. Foi o primeiro diretor do Instituto de Matemática Pura e Aplicada – Impa.

do Rio de Janeiro. Ele chegou a ministrar, no mês de agosto daquele ano, onze aulas, incluindo os seguintes assuntos: conjuntos lineares, teorema de Heine-Borel, conjunto de conjuntos, noções sobre o axioma da escolha e fórmula de Taylor. A partir de 29 de agosto, ele foi substituído pelo matemático Gabrielle Mammana. Nessa primeira turma estavam matriculados quatro alunos: Antonio M. Filho, Antonio Balestrero, Darcy Campos e Holmar Silva. Ao encargo de Luigi Sobrero estava a disciplina de Física Matemática e Física Teórica. A partir de 1940, aparece o nome de Achille Bassi como professor de Geometria.

Segundo Fávero, a análise da documentação permite constatar que todos os contratos foram rescindidos em 31 de maio de 1942, justamente na época em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial contra os países do eixo. Gabrielle Mammana e Luigi Sobrero retornaram à Itália. Porém, Achille Bassi permaneceu com sua família no Brasil.

Nesses primeiros anos (1939-1945), o funcionamento do curso matemático da FNFi foi bastante conturbado, se o compararmos com o similar da FFCL da USP. O número de alunos matriculados nas disciplinas era reduzido. Na disciplina de Análise Superior, em 1939, havia, inicialmente, quatro alunos e, em 1941, o número de matriculados na mesma disciplina subira para doze, cinco mulheres e sete homens. Havia ainda três alunos do curso de Física que freqüentavam a mesma disciplina junto com os de Matemática.

O Decreto-Lei 1.190, que criou a FNFi, previu que o curso matemático teria a duração de três anos. De 1939 a 1946, a estrutura curricular era a seguinte:

QUADRO I
ESTRUTURA CURRICULAR DE 1939-1946

1º Ano	2º Ano	3º Ano
Análise Matemática Geometria Analítica e Projetiva Física Geral e experimental	Análise Matemática Geometria Descritiva e Complementos de Geometria Mecânica Racional	Análise Superior Geometria Superior Física Matemática Mecânica Celeste

Fonte: Fávero, 1989, p.65

Comparando os currículos da FFCL da USP e os da FNFi, no Rio de Janeiro, percebemos que ambos eram muito semelhantes. A única diferença constatada reside na disciplina de Mecânica Celeste que não era ofertada na USP até 1946.

QUADRO 2

RELAÇÃO DE DISCIPLINAS E PROFESSORES EM 1941

Cadeiras	Professores	Assistente
Complementos de Matemática	José Rocha Lagoa (catedrático interino)	-
Geometria	Ernesto Luiz de Oliveira (catedrático interino) e Achille Bassi (estrangeiro contratado)	-
Análise Matemática e Análise Superior	Gabrielle Mammana (estrangeiro contratado)	José Abdelhay e Henrique de Almeida Fialho
Física Teórica e Física Matemática	Luigi Sobrero (estrangeiro contratado)	-

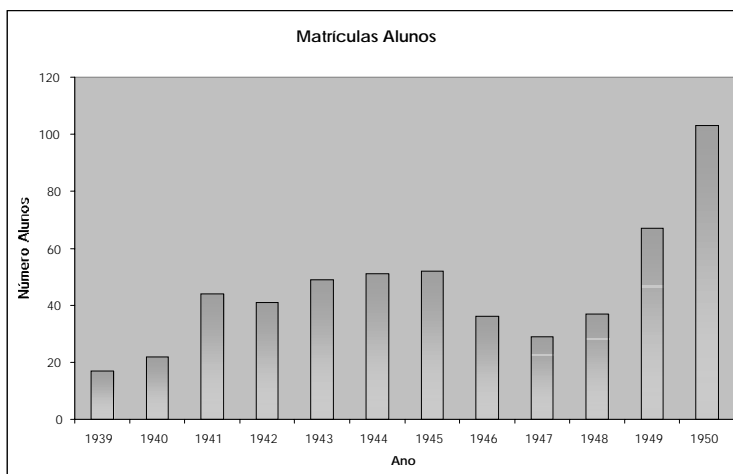
Fonte: Projetos de Estudos e Documentação em Educação e Sociedade – Proedes –, pautas de frequência de alunos.

As disciplinas de Análise Matemática e Análise Superior eram ministradas, em 1941, para os alunos do curso de Matemática e Física, nas três séries, por Gabrielle Mammana, num total de 20 horas semanais. Aos assistentes José Abdelhay e Henrique de Almeida Fialho, a carga horária era de 7 horas e 3 horas respectivamente. Ao encargo de Ernesto de Oliveira Júnior estavam as disciplinas de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, com 24 horas semanais; e ao encargo de Achille Bassi estava a disciplina de Geometria Superior e Complementos de Geometria, com uma carga de 6 horas semanais.

O número de alunos matriculados no curso de Matemática da FNFi, no período de 1939 a 1950, pode ser visto no gráfico a seguir. Na década de 1940, o número de alunos cresce e se estabiliza em torno de 1950.

Em 1941, estavam matriculados⁴ na disciplina de Análise Superior os seguintes alunos:

4 Fonte de consulta: Proedes, manuscritos da Faculdade Nacional de Filosofia.



Fonte: Andrade, 1999, p.58.

- *de Matemática*: Alvércio Moreira Gomes⁵, Antonio Balestrero, Armando Dias Tavares, Carlos Augusto Domingues, Celina Noronha, Esther Pereira, Hélio Carvalho Fontes, Maria Laura Mouzinho, Maria Yolanda de Mello Nogueira, Moema Mariani, Paschoal Filho;
- *de Física*: Francisco A. Gomes Filho, Jayme Tiomno⁶, Celso Pinto Lopes.

Os conteúdos ministrados estavam relacionados com o Cálculo Diferencial e Integral, com equações diferenciais, formas quadráticas, convergência de séries, teorema de Stokes etc., conforme os programas para os cursos de Física e Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, publicados pelo Ministério da Educação e Saúde.

Uma mudança curricular ocorreu em 1947, quando o curso de Matemática passou a ter duração de quatro anos, conforme o quadro a seguir:

5 Alvércio Gomes tornou-se docente da FNFi. Também foram contratadas as professoras Maria Laura Mouzinho e Moema Mariani.

6 Jayme Tiomno é um nome destacado por suas pesquisas na área de Física.

QUADRO 3

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE MATEMÁTICA (1947-1955)

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Análise Matemática; Cálculo infinitesimal; Geometria Analítica e Projetiva; Física Geral e Experimental; Introdução à Álgebra Moderna	Análise Matemática; Geometria Descritiva Complementos de Geometria; Mecânica Racional	Análise Superior; Geometria Superior; Física Matemática; Mecânica Celeste; Teoria das Funções; Crítica dos Princípios da Matemática	Álgebra Moderna; Geometria Algébrica; Topologia; Topologia Algébrica; Geometria Diferencial; Teoria das Funções

Fonte: Fávero, 1989, p.65.

A ênfase nos conteúdos específicos da Matemática era muito grande. Visava realmente à preparação de um professor que poderia dar continuidade aos estudos para aprofundar-se na pesquisa matemática. O matemático Luiz Adauto Medeiros, na saudação que fez a Alvércio Moreira Gomes, seu professor na FNFi, em 1947, afirmava que a atmosfera cultural na FNFi era extremamente propícia àqueles que de fato pretendiam aprender e educar-se em um sentido generalizado (<http://www.dmn.im.ufrj.br/doc./alvercio.htm>).

Com Alvércio, dizia Medeiros, pudera aprender muito, não apenas os aspectos técnicos da Matemática, mas também compreender a Matemática como parte do desenvolvimento social do homem.

Como era preparada a formação do professor para atuar nas escolas secundárias? A finalidade da FNFi, conforme o seu artigo primeiro era: "...a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada e técnica; b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal; c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura, que constituam objeto de seu ensino".

De forma semelhante à proposta do curso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o Curso de Matemática da FNFi tinha a duração de três anos, para formar o bacharel, a quem era oferecida a possibilidade de obter o diploma de licenciado, caso cumprisse um ano regular do Curso de Didática.

Conforme o artigo 20, do decreto-lei 1.190, de 4 de abril de 1939, o curso de Didática tinha a duração de um ano e era constituído por seis disciplinas: Didática

Geral; Didática Especial; Psicologia Educacional; Administração Escolar; Fundamentos Biológicos da Educação; Fundamentos Sociobiológicos da Educação.

A proposta conhecida como 3 + 1, ou seja, três anos de bacharelado e um de licenciatura, reforça fortemente a dicotomia entre disciplinas de conteúdo e disciplinas pedagógicas. Segundo o depoimento de Elza Vieira de Souza Teixeira, formada na FNFi e mais tarde docente da mesma instituição na disciplina de Prática de Ensino da Física: "...sempre houve uma tônica dos departamentos da FNFi e depois nos institutos, no sentido de que a licenciatura é algo menor. O bacharelado era muito mais importante" (Teixeira apud Fávero, 1992, p.176).

As disciplinas de Fundamentos Pedagógicos, e Didática e Práticas de Ensino funcionavam em prédios distintos: as primeiras na FNFi e as segundas no Colégio de Aplicação. Inicialmente, as Práticas de Ensino em Matemática e Física estavam ao encargo de um único docente que ministrava a disciplina para ambas as licenciaturas. Isso mudou em 1952. Mouzinho, lembrando seus professores italianos, reclama da atuação de Achille Bassi: "...o Bassi que poderia ter feito um trabalho interessante conosco não o fez. Era uma personalidade muito estranha, mas competente, sabia bastante geometria" (Mouzinho, apud Fávero, 1992, p.380). De opinião semelhante, Nelo Alan afirma que, mesmo tendo sido aluno de Achille Bassi em 1950, na disciplina de Geometria Projetiva, pouco o conheceu e ressalta que os alunos não gostavam muito dele por causa da língua, que poucos entendiam: "ele dava aula também em Niterói na Fluminense e em Belo Horizonte, vivia voando de um lugar para outro [...]. Ele foi um professor que pouca influência exerceu em minha formação". Esses depoimentos de ex-alunos levam-nos a várias conjecturas sobre o fracasso ou sucesso de uma missão: se Bassi era muito competente, por que não conseguiu ter sucesso com o ensino da Geometria na FNFi? Por que não deixou discípulos? Quais os fatores que o impediram? A sua personalidade teve alguma influência nisso?

Interessante é também o depoimento de Anna Amália Feijó Barroso, que fez o bacharelado entre 1946-1948 e licenciatura em 1949. Em 1950, ingressou no magistério da FNFi, como auxiliar de ensino, mas sem receber qualquer remuneração pelo seu trabalho. O número de alunos era reduzido, as aulas predominantemente teóricas, funcionando juntas as turmas de Matemática e Física, nos dois primeiros anos. Mas, com relação à formação pedagógica, não cumpria a sua função: "...o curso de didática era o fim da picada, tirando o Lourenço Filho que era um bom professor" (Barroso apud Fávero, 1992, p.35).

Contrastando com a opinião de Anna Barroso, Maria Laura Mouzinho argumenta que havia, na época, uma preocupação com a licenciatura. Embora as alunas

reclamassem muito das aulas de Didática: "...achávamos uma baboseira o professor Mattos ensinando a apagar o quadro" (Mouzinho apud Fávero, 1992, p.387). Porém, mais tarde, olhando numa perspectiva histórica, Mouzinho diz ter aprendido muito com ele, um inovador. Foi com ele que começaram a ler Dewey. O colégio de aplicação era, em sua opinião, uma excelente escola para a prática de ensino.

GABRIELLE MAMMANA

Durante o período em que esteve contratado na FNFi, Gabrielle Mammana teve uma atuação destacada. Ele despertou nos jovens estudantes e docentes um vivo interesse pela pesquisa matemática, principalmente para a Análise Clássica. Em 1940, surgira uma primeira contribuição de Mammana em um periódico brasileiro: "Autofunzioni relative a sistemi differenziali contenenti una condizione quadratica in due punti", no tomo XII dos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. A partir de 1941, começam a surgir, nos mesmos anais, trabalhos de brasileiros, visivelmente influenciados por Mammana: "Sobre a permutabilidade entre as operações de passagem ao limite e de integração de equações diferenciais" de Leopoldo Nachbin, apresentado por Mammana. No mesmo ano, o trabalho de Ignácio Avezedo do Amaral, "Sobre a integração de equações diferenciais ordinárias lineares e as equações integrais". O autor agradece, em seu artigo, aos matemáticos Mauro Picone, da Universidade de Roma e Gabrielle Mammana, da Universidade de Nápoles, que estavam na FNFi e que leram, estimularam e criticaram o trabalho.

Na avaliação de Jayme Tiomno, Gabrielle Mammana era um fascista empedernido, mas um dos melhores matemáticos da FNFi. A transferência do conhecimento não acontece sempre de forma unilateral. Não apenas os brasileiros se beneficiaram da presença dos matemáticos italianos; o contrário também ocorreu. Em 1941, no tomo XIII dos *Anais da ABC*, Gabrielle Mammana publicou um artigo intitulado "Sopra taluni teoremi di inversione", no qual, em nota de rodapé, faz referência a uma demonstração de seu aluno Leopoldo Nachbin, que estaria naquela época se ocupando da mesma questão sob um aspecto mais geral.

Em 1943, o ex-aluno da FFCL da USP, José Abdelhay, assumiu como cate-drático a disciplina de Análise Superior, ocupada anteriormente por Gabrielle Mammana.

JOSÉ ABDELHAY

José Abdelhay obteve sua formação matemática na FFCL da USP, no período de 1935 a 1939, época em que conheceu os italianos Luigi Fantappiè, Giacomo Albanese e Gleb Wataghin.

Não há em suas publicações qualquer vestígio da influência desses professores nas suas investigações. Todavia, revela-se em suas primeiras publicações a influência dos matemáticos Gabrielle Mammana e Mauro Piccone, que vieram atuar na Faculdade Nacional de Filosofia. Mammana desenvolvia trabalhos de pesquisas em Cálculo das Variações e as aulas que ministrou na referida faculdade serviram de estímulo para que seus discípulos iniciassem suas pesquisas nessa mesma área.

Em 1942, apareceu nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* seu primeiro artigo, intitulado "A existência de um teorema de oscilação para uma particular equação diferencial de terceira ordem: Autovalores". A sugestão do trabalho partiu de Mammana, que lhe chamou a atenção para o fato de que já existiam trabalhos relativos às questões de segunda e quarta ordem em alguns casos, mas inexistiam trabalhos referentes às questões de terceira ordem. Os trabalhos de Mammana, nos quais Abdelhay se apoiou, haviam sido publicados nos anos de 1927, 1930 e 1931, portanto, eram bastante recentes. Sob a mesma influência, são os trabalhos "Sobre uma particular equação das derivadas parciais" (1944) e "Sobre um problema de cálculo das variações" (1945).

Para o ensino, Abdelhay publicou, na *Revista Brasileira de Estatística*, em 1943, o texto didático "Introdução ao estudo da integral de Lebesgue das funções reais de variável real". Nele são citados, além de Mammana e Piccone, o matemático Beppo-Levi, que nessa época se encontrava na Argentina. Posteriormente, em 1954, as notas de aula da disciplina de Análise Matemática, ministrada na segunda série na FNFi por Abdelhay, foram transformadas em livro-texto, com o título "A integral de Lebesgue".

Uma mudança significativa na orientação dos trabalhos de Abdelhay ocorreu com a chegada dos matemáticos norte-americanos Marshall Stone, que esteve no Brasil em 1948, e Warren Ambrose em 1949. Conforme Medeiros, destacam-se, nessa fase, os seguintes trabalhos: "Caracterização dos espaços topológicos regulares normais por meio de coberturas", publicado na *Gazeta Matemática de Lisboa*, em 1948; no ano seguinte, a publicação, no *Boletim da Sociedade Americana de Matemática*, do artigo "On a theorem of representation"; e, ainda no mesmo ano, a publicação, no *C.R. da Academia de Ciências de Paris*, do texto "Caracterisation de l'espace de Banach de toutes les suites de nombres réels tendant vers zéro". Sua

tese de livre-docência foi uma extensão desse trabalho de 1949 e levou o título “Espaços topológicos de dimensão zero”. Foi publicada na *Revista Científica* em 1952.

Em 1950, Abdelhay declarou, em seu artigo “Representação dos grupos localmente compactos”, que esse trabalho foi baseado nas aulas de Ambrose, durante sua estada de três meses na FNFi.

A única publicação de Abdelhay que revela alguma influência do matemático português Antonio Aniceto Monteiro é a de 1948, intitulada “Reticulados vetoriais”, publicada em *Notas de Matemática*, número 3, ainda sob a direção de Antonio Monteiro.

Após essa forte influência das escolas italianas e norte-americanas, começa a fase de publicações orientadas nos trabalhos dos franceses. Em 1952, Jean Dieudonné ministrou, na mesma faculdade, um curso moderno sobre Análise harmônica, apresentando os recentes resultados da área. Abdelhay redigiu o texto “Análise harmônica”, apoiado nas aulas ministradas por esse matemático francês. Na introdução, Dieudonné reconhece o trabalho exemplar feito por Abdelhay, traduzindo e registrando as notas de aula.

Entretanto, a influência do mestre italiano Mammana permanecerá visível em suas publicações. Em 1956, escreveu um livro intitulado *Matemática*, destinado aos candidatos às escolas superiores, em que aborda os conteúdos de análise combinatória, determinantes, equações lineares, equações algébricas, cálculo numérico aproximado e equações trigonométricas. Na página 104, apresenta a demonstração do seguinte resultado: “O máximo comum divisor de dois polinômios existe sempre e é determinado a menos de uma constante multiplicativa”. Segundo o autor, a demonstração que usou foi extraída do livro de G. Mammana: *Lizioni di analisi algebrica*, publicado pelo Circolo Matematico di Catania, em 1937. Já no prefácio, Abdelhay sugeria que o leitor consultasse o livro acima mencionado para maiores conhecimentos sobre o assunto.

DIFICULDADES DURANTE A GUERRA

A correspondência de Achille Bassi com o ministro Capanema é muito interessante e mostra como ocorreram as discussões sobre a permanência de matemáticos italianos no Brasil durante a guerra. Em 29 de abril de 1942, Bassi escreveu uma carta a Capanema manifestando mais uma vez a sua vontade de permanecer no país, lembrando que o chefe de gabinete, Carlos Drummond, em nome do ministro, assegurara-lhe que ele poderia continuar sem obstáculos nas funções de

professor contratado da FNFi. Bassi acreditava que assim seria e manifestava a sua confiança no governo brasileiro "...tenho a mais completa confiança nas ditas assegurações dadas, se bem que por ora, só verbais" (Bassi, 1942, Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC). Nas Atas da Congregação da FNFi, a partir de 15 de junho de 1942, não aparecem mais os nomes dos italianos, inclusive o de Bassi, o que nos permitiu inferir que as garantias verbais dadas pelo governo brasileiro não se efetivaram.

Em novembro do mesmo ano, nada mudara na situação de Bassi. Ele escreveu nova carta ao ministro relatando a sua situação e fazendo um resumo de suas atividades no Brasil desde sua chegada. Nesse relato, afirma que, mesmo tendo chegado em 1939 ao Rio de Janeiro, foi somente em 1941 que conseguiu ministrar um curso de Geometria Superior, semelhante àqueles desenvolvidos nas universidades européias ou norte-americanas, porque os estudantes não tinham os pré-requisitos necessários, não estavam preparados para tal curso: "...isto se deu porque no ramo cultural de que me ocupo *nunca* [grifo do autor] foi feito no Brasil ensino algum antes da chegada dos professores estrangeiros" (Bassi, 1942, CPDOC). Além disso, com a saída do professor italiano da disciplina de Geometria Superior da FFCL da USP, Bassi passou a ir esporadicamente ("alguns dias de cada mês") a São Paulo lecionar no lugar de Giacomo Albanese. Paralelamente, no Rio de Janeiro, continuava orientando todos os doutorandos. Para ele, o ensino estava estreitamente ligado à pesquisa e era o aspecto mais importante a ser considerado "...nesse campo, no meu setor cultural, quase tudo ainda tem que ser feito". Sentia-se insubstituível no seu cargo, o que justificaria uma medida excepcional para mantê-lo. Lembrava que, em outros setores, italianos ocupando cargos importantes tinham sido mantidos e outros que haviam sido afastados conseguiram ser readmitidos, como, por exemplo, na Central do Brasil. Seus estudantes na FNFi pediam-lhe que retornasse às aulas, ou mesmo que ele ministrasse aulas particulares. Bassi encontrava-se diante de um impasse e não sabia como resolvê-lo. Escreveu um texto *promemoria* e encaminhou-o ao secretário do ministro, que novamente lhe assegurou que "...o governo tencionava continuar a servir-se de minha obra; que a suspensão do exercício era temporanea [sic] e teria muito removida e que entretanto me seriam conservados os vencimentos" (Bassi, 1942, CPDOC). Essa promessa não se efetivou, pois, segundo Bassi, já havia dois meses que a suspensão permanecia.

Nova carta de Bassi a Capanema, em 18 de fevereiro de 1943, comprova que, de fato, Achille Bassi fora afastado do magistério da FNFi e readmitido em fevereiro de 1943. A carta é de agradecimento ao ministro:

...ter reassumido no exercício, além de proporcionar-me mais completa tranqüilidade sobre a instabilidade de meu contrato com o Governo Federal, e; por isso, maior serenidade a respeito das condições de minha família, tira-me o abatimento moral no que pôz-me [sic] a impossibilidade de exercer minha profissão. (Bassi, 1943, CPDOC)

Em novembro do mesmo ano, volta a aparecer o nome de Bassi nas Atas da Congregação. Os efeitos, mesmo indiretos de uma guerra, podem ser ainda claramente vistos nas linhas comoventes dessa carta. Bassi foi afastado do cargo unicamente pelo fato de ser italiano, foi impedido de lecionar naquela instituição que antes o recebera de braços abertos e que esperava dele uma contribuição decisiva para desenvolver a matemática no país. A instituição era carente de professores qualificados, sem tradição em pesquisa, com poucos alunos interessados em seguir a carreira de professor de matemática e, ainda, com pouco prestígio na sociedade; no entanto, ela fecha-lhe as portas, deixa-o sem salário para sustentar a família, causa-lhe profundo abatimento emocional, debalde o governo ter-lhe feito tantas promessas e dado tantas garantias de que nada lhe sucederia.

Em julho de 1944, Bassi escreveu, emocionado, nova carta ao ministro Capanema relatando o seu propósito de iniciar curso de doutorado na FNFi:

A Sua Excelência Gustavo Capanema
Ministro da Educação e Saúde

Rio de Janeiro, julho de 1944.

Excelência,

É com profunda emoção que iniciarei no próximo agosto, em conformidade às instruções da Diretoria da Faculdade Nacional de Filosofia, um Curso para Doutorandos.

Este acontecimento me enche de viva satisfação, porque não somente me foi concedida a renovação de contrato para o meu cargo na Universidade, o que tirou minha família de muitas sérias angustias econômicas, mas agora me foi também concedido de reiniciar as atividades, às quais tinha sempre dedicado a melhor parte de mim mesmo.

Seja-me permitido, Excelência, de manifestar mais uma vez toda minha gratidão, e de assegurar que nada será por mim poupado ao [sic] fim que os jovens a mim confiados, os quais muito prometem, possam, no campo das Ciências Matemáticas, honrar esta grande, bela e futura Nação.

Com profunda veneração, de Vossa Excelência
Criado muito obrigado
Achille Bassi

Antigo Professor da Real Universidade de Bologna; Professor contratado de Geometria Superior na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

(Fonte: Documento do acervo do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas)

Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, Bassi manifestou sua alegria em um telegrama enviado ao ministro Capenema:

Hóspede desta grande e generosa nação, aplaudo as providências que põem termo a uma situação política e social com a Itália e os italianos tão dolorosa para estes. Estão assim satisfeitos os desejos de fraternidade, de amor e de progresso tão vivos no coração dos italianos e que nenhuma contingência desfavorável podia apagar. (Bassi, 1945, CPDOC)

A guerra findou, mas os problemas com o ensino superior da Matemática na FNFi estavam longe de ser solucionados. Havia carência de professores qualificados e conflito com os titulares e contratados para a regência de disciplinas nessa faculdade. Interessante observar que, com o fim da Segunda Guerra Mundial, Achille Bassi reassumiu suas atividades, e o fascismo parece que nunca existiu. Rapidamente, apaga-se da memória o fato de o Brasil ter lutado contra a Itália. Conforme Giron observou, após cinco anos, tudo volta à normalidade: “Em 1950, o embaixador da Itália no Brasil, Mario Martini, em mensagem especial para as festas do septuagésimo quinto aniversário da emigração italiana, recordou os laços de amizade entre o Brasil e a Itália...” (Giron, 1994, p.145).

LEOPOLDO NACHBIN E O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Leopoldo Nachbin iniciou seus estudos universitários na Escola de Engenharia do Rio de Janeiro. Somente um ano após ficou sabendo da criação da FNFi e da presença de matemáticos italianos nessa faculdade. Passou a assistir às aulas como aluno ouvinte e, devido à proibição de freqüentar dois cursos na mesma universidade, concluiu seu curso de engenheiro e não o de bacharel em matemática. Na FNFi sofreu influência de Gabrielle Mammana e Luigi Sobrero. Nachbin relembra que o ambiente acadêmico era muito bom. Outra forte influência que recebeu, nessa época, foi do matemático português Antonio Aniceto Ribeiro Monteiro, que esteve no Brasil de 1945 a 1949. Foi em 1948, com o auxílio da Fundação Guggenheim, que Nachbin teve a oportunidade de sair do país e beneficiar-se de uma bolsa de estudos, durante dois anos, na Universidade de Chicago. Em 1950, quando retornou ao Brasil, escreveu um trabalho para ser apresentado no concurso por uma vaga na

FNFi. Por razões de política universitária, rivalidade de grupos e “outras bobagens”, como disse Nachbin em entrevista publicada em *Ciência Hoje*, 1991, esse trabalho ficou engavetado. Os embates em que Nachbin se viu envolvido duraram anos. Ele nunca chegou a ser docente da FNFi, mas 22 anos após ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nessa querela, envolveram-se matemáticos estrangeiros importantes, como Jean Dieudonné, Charles Ehresmann e Laurent Schwartz, que estiveram como professores visitantes estrangeiros, em 1952, na FNFi. Na tentativa de resolver os problemas da candidatura de Nachbin ao concurso de uma vaga na FNFi, os três matemáticos redigiram uma carta ao reitor da Universidade do Brasil, em 30 de setembro de 1952, agradecendo a oportunidade de ministrar os cursos e sugerindo:

Nós estamos persuadidos, com efeito, que as pesquisas matemáticas podem e devem se desenvolver no Brasil nos próximos anos, e adquirir uma importância muito grande na vida científica do país. Em vista desse desenvolvimento, nós nos permitimos emitir desejo que o número de cadeiras de matemática existentes na Faculdade Nacional de Filosofia possa ser aumentado num futuro próximo... (Extrato da carta dos matemáticos estrangeiros do acervo pessoal de Luiz Adauto Medeiros)

Na avaliação dos renomados matemáticos estrangeiros, o Brasil possuía um grande talento matemático que estava fora do quadro de carreira da universidade brasileira, e isso precisava ser corrigido. Assim, afirmavam:

O Brasil tem a sorte de possuir atualmente, na pessoa do professor Leopoldo Nachbin, um jovem matemático cujos trabalhos remarcáveis atraíram a atenção de especialistas do mundo inteiro, e que, por sua forte cultura e sua personalidade dinâmica, seria particularmente designado para esta formação da futura elite matemática brasileira. A admissão desse professor fortaleceria o núcleo já muito ativo de matemáticos da Faculdade de Filosofia e reforçaria consideravelmente a intensidade de seus esforços e a unidade de ação indispensável ao seu desenvolvimento frutífero. (Extrato da carta dos matemáticos estrangeiros do acervo pessoal de Luiz Adauto Medeiros)

O apelo dos três matemáticos não alcançou eco, ou o eco não foi suficientemente forte para alterar a situação que a disputa por uma vaga de Matemática gerou na FNFi.

A discussão desse problema continuou em pauta por vários anos. Em 1951, com a criação do CNPq, Lélío Gama tornou-se um dos membros do Conselho Deliberativo, cargo esse que ocupou até 1973. Na tricentésima nonagésima sétima reunião do conselho, realizada em outubro de 1957, o seu presidente, João

Christovão Cardoso, colocou em discussão o problema da falta de homogeneidade de distribuição de vagas nas universidades do país, em particular o caso da Universidade do Brasil. Na ocasião, manifestou-se Lélío Gama sobre a situação delicada da disciplina Análise Matemática:

Concorrem a ela dois candidatos de méritos diversos, com tendências culturais diferentes... Acontece que um dos candidatos *não pode* ser sacrificado nesse concurso e o outro *não deve* ser sacrificado. Não pode ser sacrificado um candidato, como Leopoldo Nachbin, a meu ver, o maior matemático da América Latina. A FNFi não pode prescindir da colaboração desse cientista. Por outro lado, não deve ser sacrificado um candidato como o prof. José Abdehay que, apesar de não ter a envergadura de um pesquisador, tem dado provas sobejas de estar à altura do encargo de ensinar análise matemática nas primeiras etapas de uma Faculdade superior, além de já ter perto de quinze anos de exercício interino... (Anais do CNPq, 1957, p.3)

As discussões alongaram-se nessa sessão, sendo sugerida a abertura de mais uma vaga, mas como o Conselho Deliberativo não era um órgão com poderes executivos, não conseguiu exercer uma pressão suficientemente forte para inverter a situação de impasse que se criou. Vinte e dois anos mais tarde, quando não mais existia a FNFi e a Universidade do Brasil foi transformada em Universidade Federal do Rio de Janeiro, pôde finalmente Leopoldo Nachbin prestar concurso e ingressar no Instituto de Matemática da referida universidade.

Esse longo embate deixou certamente seqüelas na vida profissional de Leopoldo Nachbin, porque, a respeito desse tema, ele manifestou-se várias vezes, inclusive na entrevista que deu em 1989 às professoras Ana Elisa Gerbasi da Silva e Maria de Lourdes Fávero:

Meu concurso para professor catedrático foi um evento curioso na minha vida profissional [...]. Naquela ocasião, como jovem, eu achava vital fazer aquele concurso porque, se eu não o fizesse, ou se fizesse e não ganhasse, minha carreira estava cortada. O fato é que, por questão de política de grupo, fez-se oposição política a mim e o interino recorreu contra a minha inscrição, alegando que não sendo licenciado, formado por uma Faculdade de Filosofia, não poderia me inscrever no concurso. (Nachbin apud Fávero, 1992, p.314-315)

Suas atividades de pesquisa e ensino desenvolveram-se, principalmente, em dois países: Brasil e Estados Unidos. Entre 1948 e 1950, Nachbin recebeu duas bolsas de estudo: uma do USA State Department e outra da Fundação Guggenheim, por recomendação de Marshall Stone. Uma nova bolsa de estudos foi concedida,

entre 1956 e 1958, pela Fundação Rockefeller e, novamente, outra, pela Fundação Guggenheim, para atuar nas Universidades de Chicago e Institute for Advanced Study em Princeton, respectivamente.

Em resumo, pode-se dizer que suas áreas de interesse em pesquisa foram: Topologia, Conjuntos Ordenados, Análise Funcional, Teoria da Aproximação e Holomorfia ou Análise Complexa. Na opinião do matemático francês Andre Weil, Leopoldo Nachbin foi o mais conhecido e o mais apreciado entre os matemáticos brasileiros, e "...é aquele que mais fez para firmar a reputação da matemática brasileira" (MAST/CNPq).

Leopoldo Nachbin, assim como outros brasileiros, beneficiou-se do intercâmbio com matemáticos estrangeiros, intensificado a partir do surgimento de instituições de ensino especializado na área, no Brasil, e que favoreceu o desenvolvimento da pesquisa matemática. Esteve na FNFi, desde o período de sua criação até a década de 50, um número significativo de matemáticos estrangeiros, além dos italianos e do português já destacados. Para ilustrar, apresentamos, no quadro a seguir, alguns dos visitantes estrangeiros mais importantes que atuaram na FNFi.

QUADRO 4

MATEMÁTICOS QUE ATUARAM NA UNIVERSIDADE DO BRASIL

Nome / País / Destaque	Estiveram no Brasil
Adrien Albert (USA)	1945
Marshall Stone (USA)	1945
Warren Ambrose (USA)	1949
Laurent Schwartz (França); Medalha Fields 1950	1952
Jean Dieudonné (França); fundador do grupo Bourbaki	1952
Charles Ehresmann (França)	1952

Adrien Albert (1905-1972) pesquisou sobre álgebras associativas e não associativas e matrizes de Riemann. Seu livro intitulado *Structure of algebras*, de 1939, permanece um clássico.

Jean Dieudonné (1906-1992) foi um dos dois principais colaboradores para a série de textos do grupo Bourbaki. Suas principais linhas de pesquisa foram em topologia geral, geometria algébrica, teoria dos invariantes e grupos. Interessou-se sobre as questões referentes a educação matemática.

Marshall Stone (1903-1989) realizou pesquisas em teoria espectral, mecânica quântica, expansões ortogonais e generalizou o teorema de Weierstrass sobre a aproximação uniforme de funções contínuas por polinômios, que ficou conhecido como teorema de Stone-Weierstrass.

Charles Ehresmann (1905-1979) foi um dos criadores da topologia diferencial. Investigou por mais de 20 anos sobre a teoria das categorias, tornando-se um líder nessa área. Entre 1980 e 1983, sua esposa editou, em sete volumes, a obra completa de Ehresmann.

Laurent Schwartz (1915-...) ganhou a Medalha Fields, maior premiação na área de Matemática, em 1950. Suas investigações principais concentram-se na análise funcional, teoria das distribuições e equações diferenciais parciais.

CONCLUSÕES

As décadas de 30 e 40 foram de movimentações e transformações de toda a sociedade brasileira, movimentos esses de deslocamento da população rural para os centros urbanos, de crescimento da indústria e de movimentos ideológicos que trouxeram conseqüências também para a área educacional. Havia uma necessidade muito grande de preparar professores para o ensino secundário nas disciplinas específicas do conhecimento, entre elas, a Matemática, e também de preparar o pesquisador para as investigações nas áreas básicas.

A proposta inicial do Curso de Matemática da FNF, visando à formação de bacharéis com a duração de três anos, e com um curso adicional de Didática de um ano para a formação de professores de Matemática, evidencia, em primeira instância, uma preocupação com a transmissão do saber científico, e só em segundo lugar uma preocupação com a formação pedagógica, semelhante ao modelo da FFCL da USP. O curso visava, em primeiro lugar, à formação de pesquisadores em Matemática e, em segundo plano, a formação de professores. Todavia, se compararmos ao modelo de formação de professores de Matemática da Alemanha, em que não havia espaço na universidade para a formação pedagógica, a proposta brasileira, apesar da sua dicotomia, representou um avanço na preocupação de munir os professores com uma preparação voltada para a sala de aula.

Basicamente, pode-se dizer que os pilares fundamentais do curso de bacharelado se apoiavam no ensino do Cálculo Diferencial e Integral, da Geometria, da Mecânica e da Física. A disciplina de Mecânica tinha um papel destacado no currículo, ela abrangia também os conteúdos de Cálculo Vetorial.

A transmissão direta do conhecimento matemático proporcionada pelos matemáticos estrangeiros serviu para a formação de professores de Matemática, que iriam suprir a crescente necessidade das escolas secundárias e dos cursos criados nas faculdades e universidades do país, mas, principalmente, estimulou a pesquisa matemática. Os primeiros discípulos dos mestres italianos foram encorajados a dar continuidade a seus estudos, no Brasil e no exterior, e a promover a pesquisa no país. A presença de matemáticos estrangeiros foi fundamental para aproximar alunos e pesquisadores brasileiros da Matemática atualizada produzida no exterior, para mostrar a importância dos intercâmbios e incentivar os iniciantes a darem prosseguimento aos seus estudos.

As disputas políticas internas na FNFi existiram e prejudicaram o matemático Leopoldo Nachbin, que ficou por mais de 20 anos fora da universidade, deixando uma grande lacuna no desenvolvimento da pesquisa matemática. Percebe-se que, no caso brasileiro, na formação do campo científico matemático, ocorreram embates na busca pelo poder dentro do espaço acadêmico.

A Segunda Guerra Mundial trouxe conseqüências para o ensino da Matemática na FNFi, uma vez que interrompeu o processo que se havia iniciado com a vinda dos mestres italianos. Todavia, essa interrupção não foi longa, porque, após o término da guerra, Brasil e Itália reataram as relações diplomáticas e garantiram-se assim a permanência e o retorno às atividades dos intelectuais italianos. A difícil situação no pós-guerra na Europa contribuiu para a vinda de matemáticos de outras nacionalidades para o Brasil.

Por outro lado, a FNFi garantiu a formação de professores, que se tornaram os propagadores de uma Matemática mais atualizada, tanto nas faculdades de Filosofia que começaram a surgir nos diferentes estados bem como nas escolas secundárias. A grande carência de professores de Matemática com formação específica e adequada continua sendo um desafio para o país mesmo atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDELHAY, J. *Curso de análise matemática*. Rio de Janeiro: Científica, 1955.

_____. *A Integral de Lebesgue*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil, 1954.

_____. *Matemática*. Rio de Janeiro: Científica, 1956.

ALAN, N. A. B. Entrevistador: Circe Mary S. da S. Dynnikov. Natal, 12 abr. 2001.

ALVES, I. M. S. Modelo politécnico, produção de saberes e a formação do campo científico no Brasil. In: HAMBURGER, A. et al. (org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996, p.65-76.

ANDRADE, A. M. R. *Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade*. Rio de Janeiro: Hucitec; Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1999.

AZEVEDO, F. *A Cultura brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1944.

BOURDIEU, P. O Campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.65-76.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. *Programas para os cursos de física e matemática*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

CASTRO, F. M. O. *A Matemática no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CHAGAS FILHO, C. História da ciência e tecnologia no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1. *Anais...* Rio de Janeiro, 1986, p.6-15.

DIAS, C. L. S. Cândido da Silva Dias: meio século como pesquisador. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, p.97-105, 1994.

_____. *Cientistas do Brasil*, São Paulo: SBPC, 1998. p.693-701. [Entrevista concedida a Vera Rita de Costa]

FÁVERO, M. L. *Faculdade Nacional de Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, v. 1, p.4, 1989.

_____. *Faculdade Nacional de Filosofia: depoimentos*. Rio de Janeiro: Proedes, UFRJ, 1992.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GIRON, L. S. *As Sombras do litorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

HÖNIG, C.; GOMIDE, E. Instituto de Matemática e Estatística da USP. In: FERRI, M. G. ; MOTOYAMA, S. (orgs.). *História das ciências no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1979. p.122-155.

LOVISOLO, H. *Vizinhos distantes: universidade e ciência na Argentina e no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.

MEDEIROS, L. A. Entrevistador: Circe Mary Silva da Silva. Rio de Janeiro, 9 set. 2000.

MOTOYAMA, S.; NAGAMINI, M. CNPq e CNRS: duas histórias numa perspectiva comparada. In: HAMBURGER, A. et al. (org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, 1996, p.331-359.

NACHBIN, L. *Ciência e sociedade*. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

SCHARTZMAN, S. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. (org.). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982.

SILVA, C. M. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de Matemática. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23. *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2000.

TRINDADE, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

WEIL, A. Leopoldo Nachbin. [Recorte de jornal] *Arquivo Leopoldo Nachbin*, MAST/CNPq.

No texto são citados vários documentos coletados nos seguintes locais:

Arquivo CNPq (MAST)

Arquivo Leopoldo Nachbin (MAST)

Arquivo Gustavo Capanema (CPDOC)

Recebido em: setembro 2001

Aprovado para publicação em: março 2002